

## **FOLIA E FÉ NO SERTÃO: PERFORMANCES ARTÍSTICAS DOS FOLIÕES DE SANTOS REIS DE JOÃO PINHEIRO (MG)**

**MARIA CÉLIA DA SILVA GONÇALVES\***

### **I INTRODUÇÃO**

Este artigo por objetivo investigar como a Teatralidade e a Performance Ritual da Folia de Reis escrevem as memórias ligadas à religiosidade dos foliões do município de João Pinheiro-MG. O referencial teórico que informou a presente pesquisa veio do âmbito da teoria da Performance.

Teixeira (2004:08) alerta que

*Performance é um conceito- em- progresso, ou seja em construção, que assume várias nuances e focos, conforme as circunstâncias, visando ajudar a esclarecer objetos tantos específicos quanto variados, seja em perspectiva histórica ou transcultural. [...]ele se coloca como mecanismo eficiente para pensarmos as interações entre ciência e arte, situando-se, por exemplo, na fronteira entre ciências sociais e as manifestações artísticas num sentido mais lato.*

O trabalho com a teoria da Performance se justifica por ser ela um campo de estudo que exige interdisciplinaridade. Para estudar uma manifestação artística/religiosa/cultural como a Folia de Reis faz se necessário a imersão no domínio de outras ciências sociais, uma vês que “o estudo da Performance combina antropologia, artes performáticas e estudos culturais, usando lentes inter-disciplinares para examinar um conjunto de atos sociais: rituais, festivais, teatro, dança, esporte e outros eventos ao vivo”(LIGIÉRO, 2004:90)

Ao estudar as Foliias de Reis pinheirense sob a luz da teoria da Performance é possível perceber que a “ Performance empresta *insights* valiosos para a formação e identidade permitindo um espaço para entendimento intercultural e através da performance os significados centrais, valores e objetivos da cultura são visto em ação.” (LIGIÉRO, Op. Cit.: 90) Partindo deste pressuposto pode se inferir que a performance é uma forma de comportamento, uma maneira de agir e pensar sobre as atividades humanas.

---

\* Mestre em História e Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília, pesquisadora do Laboratório Transdisciplinar de Estudos da Performance da Universidade de Brasília (TRANSE) SOL/UnB. E-mail: mceliasg@yahoo.com.br

Por meio da Performance os grupos de Folia de Reis de João Pinheiro vão criando/(re)criando uma identidade muito peculiar, vão marcando o seu lugar social através da teatralidade de suas apresentações. Nesse trabalho a teatralidade<sup>1</sup> é pensada como jogo dos atores que potencializa o universo performático, ocupando uma função primordialmente: a de ser visto, notado e, dessa maneira, eternizado enquanto memória. A Festa de Reis ocupa, nessa situação, uma posição de evidência, devido à grande sociabilidade que propõem e oferece ao conjunto da sociedade pinheirense, possibilitando aos envolvidos inúmeros e entrecruzados olhares.

João Pinheiro é o maior município em extensão territorial do Estado de Minas Gerais; de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) são 10.717 quilômetros quadrados e uma população de 45.229 habitantes (IBGE, 2010). O município insere-se na microrregião do Vale do Rio Paracatu<sup>2</sup>, localizada na mesorregião Noroeste<sup>3</sup> do Estado, distante 330 quilômetros de Brasília e 400 quilômetros de Belo Horizonte. Sua economia é baseada fundamentalmente na agropecuária sendo, atualmente, pautada nos agronegócios.

A cidade guarda, até o início do século XXI, características do mundo rural no tocante aos seus costumes e tradições. Nascida numa região de transição dos bandeirantes que, em suas viagens interioranas, buscavam ouro nos estados de Goiás e de Mato Grosso. Durante muito tempo o município serviu de hospedagem a estes transeuntes, antes que seguissem caminho em direção às novas minas.

Fundada oficialmente em 1911, a cidade permaneceu relativamente isolada do restante de Minas e do Brasil devido à sua localização geográfica e à falta de estradas, fato que se manteve inalterado até a inauguração da rodovia BR 040, que foi construída no início da década de 60, pelo então presidente Juscelino Kubitschek, momento em que o município estabeleceu um contato maior com a capital mineira e o Distrito Federal, adquirindo, assim, ares da modernidade.

---

<sup>1</sup> A noção de *teatralidade* é complexa, a despeito de sua aparente simplicidade em constituir-se como um substantivo urdido a partir do adjetivo *teatral*. Em sua acepção comum e mais divulgada, a teatralidade designa algo levemente ostentatório ou arbitrariamente empreendido para gerar um *efeito*. (MOSTAÇO, 2007)

<sup>2</sup> A microrregião do Vale do Rio Paracatu é uma das microrregiões do estado brasileiro de Minas Gerais pertencente à mesorregião Noroeste de Minas. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 210.480 habitantes e está dividida em dez municípios. Possui uma área total de 34.997,251 km<sup>2</sup>.

<sup>3</sup> A mesorregião do Noroeste de Minas é uma das doze mesorregiões do estado brasileiro de Minas Gerais. É formada pela união de dezenove municípios agrupados em duas microrregiões.

Como todas as cidades do interior mineiro, mais pontualmente do Noroeste de Minas, a sociedade se formou sob os auspícios da religião católica e, ainda hoje, mantém os seus ritos e festas. Durante o ano são celebradas as festas em homenagem aos santos devocionais, destacando-se, dentre elas, as festas em homenagem aos Santos Reis. Podem ser divididas em duas categorias: as festas de tempo, ou seja, aquelas que ocorrem no período de 24 de dezembro a 06 de janeiro e as festas de votos (temporãs), que são realizadas em qualquer época do ano, em agradecimentos a uma graça (milagre) alcançada.

A socióloga Maria Isaura P. Queiroz (1968), sustenta a idéia da existência de sete tipos de catolicismo: catolicismo oficial; cultural; popular; catolicismo misturado com magias e crenças indígenas; catolicismo associado aos cultos africanos; catolicismo reunido ao espiritismo e, catolicismo em sincretismo com o espiritismo e cultos africanos.

As festas de Reis realizadas no município de João Pinheiro apontam para um prosseguimento de elementos das culturais de acordo com as tradições rurais e conseqüentemente do então conhecido catolicismo rústico, sinalizando para a possibilidade de dialogar com certos aspectos das culturas urbanas.

Nesse sentido, faz-se imperativo expor que, de maneira diferente do que as pesquisas de Maria Isaura Pereira de Queiroz, nos anos 1960 e 1970, previam – de que, os elementos fundamentais do *catolicismo rústico*<sup>4</sup> estariam fadados ao desaparecimento em função dos processos de modernização e industrialização das cidades, – a Festa de Reis, em João Pinheiro, conservam características de um contorno tradicional de religiosidade e não está fechada nem vulnerável às mudanças que decorrem de um mundo urbanizado. As Festas de Reis em João Pinheiro são tradicionais porque são dinâmicas, muda para acompanhar a sociedade, se fosse congelada não seria uma expressão viva da cultura local. Como observou Suzel Reily “Ao se apropriarem de temas cristãos, os foliões têm sido seletivos, silenciando alguns elementos, enfatizando outros, interpretando o material de modo a integrá-lo em suas experiências de vida como membros das classes populares” (REILY, 2002:160).

---

<sup>4</sup> Para Queiroz (1968) o catolicismo rústico é uma das formas de religiosidade populares católicas que normalmente se manifesta por meio das festas coletivas, danças, rezas, romarias que se realizam, tradicionalmente, sem a interferência direta de padres ou representantes oficiais da Igreja. Esse catolicismo se assenta no culto aos santos, que acontece normalmente durante as festas de padroeiro.

Essa dinâmica da religiosidade das Folias de Reis de João Pinheiro fica evidenciada na entrevista de Geraldo Martins da Mota, 43 anos de idade, conhecido como Preguinho, Padre e capitão de folia:

*Há dez anos atrás eu escutava isto: Folia de Reis vai acabar, porque não tem mais gente nova, a apresentação que nós tivemos em João Pinheiro, vários meninos rapazinhos, meninas, está até um pouco a mentalidade de igualdade de gênero. Nós estamos vendo agora que tem folia feminina, tem mulher cantando junto dos homens, quer dizer a folia não é coisa do passado e ela entende isto é coisa do presente e até mais do que outras coisas. Está acolhendo mulheres como capitã, mulher como ajudante, coisa que não podia, no passado não podia, de hoje é normal, então a folia está entendendo uma dinâmica muito mais forte do que a própria Igreja que ainda restringe ao homens a sua oficialidade, na folia tem mulher capitã, tem mulher que está lá no meio do homens. Então isto para mim é um avanço muito grande, é sinal de que a folia no fundo ela está entendendo essa mensagem de passar e outra que folia ela é boa porque ela é festa de povão, mas ela é festa de família, não tem penetra em folia, é o grupo, né? É igualzinho festa de casamento vai o pessoal ligado, a folia é isto também. Você vê um cara ai, vamos na festa de folia, chega lá, cara de outro lugar, pode até achar bonito ou besteira o que é isto? O povo dançando, cantando ai não entendo nada, o que é isto? Agora você vai conversar com alguém que é envolvido do grupo ali, nossa! A hora que o capitão começa a cantar há um silêncio né? Uma veneração, então a folia tem tudo, ela tem cerimonial, ela tem rito, ela tem folguedo, então há os momentos fortes, tem reza, tem reza, tem folguedo, tem comida e tem tudo, nas folias você vai para namorar.*

No município de João Pinheiro há 52 grupos<sup>5</sup> de Folias de Reis, sendo que alguns deles possuem mais de 40 anos de existência. Esses grupos são formados por homens e em alguns casos existem mulheres simples, em sua maioria agricultores que deixaram a zona rural na década de 1970, época em que houve, no município, a entrada de grandes empresas multinacionais dedicadas ao reflorestamento. Com a chegada dessas empresas, esses pequenos produtores deixaram suas terras e dirigiram-se para a cidade em busca de novas formas de trabalho. Esse movimento migratório fez surgir os bairros da cidade que são hoje *locus* por excelência das manifestações das Folias de Reis, folguedos que funcionam como espaço de re-elaboração da identidade abalada pela mudança. De acordo com Stuart Hall (1999), as “crises de identidade” procedem das grandes mudanças provocadas pelas novas estruturas sociais que instigam uma reestruturação ou mesmo reinvenção da identidade cultural. A transmigração do homem do campo para a cidade não rompe com os seus valores, tradições, costumes e religiosidades, mas certamente este processo provoca transformações devido às adaptações necessárias para a manutenção das práticas culturais de outrora.

---

<sup>5</sup> Também denominados ternos de Reis, companhias de Santos Reis.

Em João Pinheiro, esse fator não foi diferente. A cidade, formada em sua maioria por pessoas oriundas do campo, acolheu os foliões e ofereceu-lhes oportunidades de adaptar suas práticas aos novos tempos. Este acolhimento fica explícito na constante atuação das Folias de Reis no município. Enquanto em outras regiões do Brasil a Folia de Reis é um folguedo com data marcada, ocorrendo especificamente de 24 de dezembro a 06 de janeiro, em João Pinheiro a mesma se faz presente durante o ano todo. Um mergulho pontual na pesquisa do universo desta prática religiosa permitiu a pesquisadora verificar a existência de Festas de Reis na cidade praticamente todos os finais de semana.

Essas Folias exercem importante influência cultural e religiosa na sociedade pinheirense. Essas práticas são as responsáveis pelo importante papel de guardiã de um saber muito especial, a invocação dos Santos para as curas e a solução de problemas materiais e espirituais. Não raras vezes é possível ouvir de alguém que “*Santos Reis curou a filha, retirou o filho do mundo dos jogos, da cachaça...*”. Diante deste fato, observa-se que as Folias (re)elaboram identidades, incluem pessoas ignoradas pela sociedade, fazendo com que as práticas performáticas destes atores sociais sejam elaboradas cautelosamente.

Manuel Castells (1999:22-23) relaciona o conceito de identidade a atores sociais e afirma que ela é “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. Assim, os atores sociais são os foliões e, ainda segundo o próprio autor, para eles pode haver identidades múltiplas: “No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição, tanto na auto-representação quanto na ação social”. Isto porque a identidade constitui fonte de significado para os próprios autores, por eles originada, e construída por meio de um processo de individualização, ou seja, ela é autoconstruída, pois “ritos, rotinas, rituais e espetáculos são performances da vida individual e coletiva, são a forma sensorial e perceptível pela qual as experiências e expressões se reúnem, são jogos que se fazem com a alteridade, em todos os sentidos, com todos os sentidos, são comunicação” (BIÃO, 1996:15).

Neste sentido:

*As identidades somente assumem tal condição quando e se os atores sociais se internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização [...] Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados. [...] as comunidades, construídas por meio da ação coletiva e preservadas pela memória coletiva, constituem fontes específicas de identidades. (CASTELLS, 1999: 23).*

Diante dessa constatação nasceram alguns questionamentos importantes sobre a atuação, a performance e a memória e identidade dos foliões de João Pinheiro. Tratam-se de inquietações tais como: Por que a existência de tantos grupos de Folia de Reis? Quem são estes foliões? De onde vieram? Qual a importância das Foliias em suas vidas? Participar de uma Folia de Reis cria uma maior visibilidade social? Como a comunidade percebe a atuação destes foliões? Pertencer a um grupo de Folia de Reis em João Pinheiro é fator de inclusão social? Como é realizada a aprendizagem da arte de foliar? O texto pretende responder a essas questões.

Para compreender os simbolismos do ritual<sup>6</sup> das Foliias de Reis é necessário viver, conviver, participar do universo pesquisado; para tanto, a metodologia utilizada ancorou-se na etnografia, porque, ao discutir sobre as performances, Turner (1982) ressaltou que estas ocorrem em momentos marcadamente simbólicos e esclareceu o caráter polissêmico e evocativo dos seus símbolos. Olhando nesta direção, o autor considera que “o símbolo é a menor unidade do ritual que ainda mantém as propriedades específicas do comportamento ritual;” (TURNER, 2005:49)

Afirma o autor que

*Os símbolos possuem as propriedades de condensação, unificação de referentes díspares e polarização de significado. Um único símbolo, de fato, representa muitas coisas ao mesmo tempo, é multívoco e não unívoco [...] os referentes tendem a aglutinar-se em torno de pólos semânticos opostos. Num pólo, os referentes são feitos a fatos sociais e morais, no outro, a fatos fisiológicos (TURNER, 1982:71)*

Percebe-se que os símbolos tendem a se caracterizar pelo seu potencial polissêmico. Para Turner (2005) A pesquisa etnográfica consiste na análise da junção da trama dramaturgicada das relações simbólicas performáticas, com o jogo das relações sociais na vida cotidiana. Para entender o simbolismo dos gestos, a sociabilidade da festa, o ato de compartilhar, a doação, a aprendizagem feita ao acaso, a dramaticidade do canto, a importância da bandeira, não basta visitar os foliões, é necessário vivenciar de perto a magia da festa e do ritual.

O ritual das Foliias de Reis pinheirense torna-se portanto *locus* privilegiado de transmissão da memória coletiva do grupo de foliões, assim como instrumento de reprodução de valores do grupo.

---

<sup>6</sup> Esse trabalho pensa ritual como quer (TURNER, 2005:49) “[...] comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes míticos.”

## 2 AS FOLIAS DE REIS EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

As Folias de Reis são grupos de artistas populares, cantores e tocadores<sup>7</sup>, que saem em peregrinação, normalmente em época do Natal, anunciando a chegada do Menino Deus. Essa é uma manifestação religiosa/artística presente em boa parte do interior do Brasil. O ritual é complexo e guarda ligações (muitas vezes tênues) com a tradição europeia de Reis e com o teatro, música e dança herdados da cultura portuguesa:

*Pelo seu caráter deambulatório e precatório atribuiu-se as origens da Folia a costumes medievais: mestres, estudantes, boêmios, mendigando e se divertindo percorreram por três séculos, do XII ao XIV, toda a Europa. Em outra versão, os ciganos são apontados como possíveis raízes dessa prática cultural, não só pelo seu nomadismo, mas também pelos instrumentos, standartes, fitas e flores coloridas que os caracterizam. França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Itália, Espanha e Portugal, entre outros, festejavam os três Reis Magos na época de Natal. O Presépio e os Autos Natalinos já eram conhecidos desde o século XIV em Portugal, mas as primeiras notícias da Folia, tal como a conhecemos hoje, remontam ao século XVI (MACHADO, 1988: 213-214).*

Os Reis Magos fazem-se presentes no Brasil desde o início de sua colonização. Uma prova desta presença é o fato de que o Forte dos Reis Magos, em Natal (RN), ter sido fundado em 06 de janeiro de 1598, marcando a introdução do culto aos Santos Reis ainda no século XVI.

Com o nome de Folia, existe no Brasil um grande número de grupos devocionais dos santos católicos: São Sebastião, São Benedito, São José, Divino Espírito Santo e Santos Reis. Em Portugal, segundo Câmara Cascudo (1998), folia era uma dança rápida ao som do pandeiro ou adufe. As folias brasileiras têm suas origens nas matrizes ibéricas, mas com o passar do tempo foram se modificando e na atualidade possuem características próprias.

Câmara Cascudo define Folia como:

*[...] um grupo de homens, usando símbolos devocionais, acompanhando com cantos o ciclo [...] festejando-lhe às vésperas e participando do dia votivo [...] não tem em Portugal o aspecto precatório da folia brasileira, mineira e paulista [...] é uma espécie de confraria, meio sagrada, meio profana, instituída para implorar a proteção divina contra pragas malinas que às vezes infestam os campos [...] Há o rei, o pajem, o alferes, dois mordomos e seis fidalgos. (CASCUDO, 1998:402).*

---

<sup>7</sup> Em João Pinheiro as Folias são compostas por uma maioria de homens, as vezes algumas poucas mulheres que ocupação a função de Aferes, personagem encarregado de conduzir a Bandeira.

Nesta definição é possível observar a presença dos símbolos, do sagrado e profano e, principalmente, a existência de uma re-significação da folia vinda de Portugal. Não é possível pensar em uma tradição cultural de Folia de Reis em João Pinheiro-MG, tal qual existia em Portugal, nem mesmo iguais as de outras partes do Brasil. Os grupos de foliões do município guardam muitas especificidades que apontam para influências das culturas africanas da época da escravidão. Como a performance dos palhaços, o uso de instrumentos de percussão, muita cor e alegria no ritual.

O Sr. João Rodrigues de Paiva, 76 anos de idade, folião há 70 anos demonstra preocupação como os palhaços da Folia de Reis de João Pinheiro

*Os palhaços velhos foi merendo e os novo não tem influência com isto, né? E que o palhaço é o pastorinho, o palhaço tem que ser sabido. Nossa Senhora, o palhaço para entrar numa farda e por a máscara ali na cara, e por uma coroa na cabeça precisa saber mais que o capitão. Ele tem que ser sabido, porque ele é, o palhaço é os três pastorinhos quem visitou Jesus primeiro foi os três pastorinhos. Eles chegou olhou ele lá na caminha, virou caladinhos e foi embora, então é os palhaços. Por isto é três palhaços, é os três pastorinhos de Oliveira. Foi os três pastorinhos quem fez a visita primeiro, então eles andam na frente e o Rei Herodes não gosta. Pela regra o palhaço não pode deixar ninguém ver o rosto dele. Ele chega aqui, nós vamos cantar na casa de vocês, se tiver uma pessoa aqui, ele tem que chegar aqui como o rosto tampado, se ele quiser tomar um copo d'água, ele sai lá para fora, um dos foliões leva lá e ele dá as costas para o povo e toma.*

Sobre a função dos palhaços Padre Preguinho afirma que:

*O palhaço é da cultura dos ciganos é a mesma coisa do circo, só que o palhaço, ele tem uma função muito importante na folia, porque os Magos, quando chegaram em Herodes ele pediu, olha vocês vão lá ver o menino, depois voltam para me avisar que eu também quero ir adorar. Como existia uma mentalidade de não aceitar outro rei, na verdade toda indagação de Herodes era para matar, inclusive depois até houve uma lei para matar toda criança macho que nascesse dentro de dois anos. Então os Magos, eles eram da tradição cigana sabiam fazer muita acrobacia e descobriram que Herodes gostava disto, então vestiu de palhaço e foi fazer, enquanto na volta fez acrobacia os Reis passaram e não foram indagados, né? Por que ou eles contavam, ou eles morriam se contassem o menino morria. Então o palhaço significa, o seu significado na folia é a proteção do Menino, por isto é que o palhaço anda junto com a bandeira, ai toda pessoa que vê na rua ele faz graça para descontrair, pro Menino passar. Então até hoje as folias que tem um palhaço tem essa mesma perspectiva.*

Tudo é simbolicamente usado para retratar a história seguida pela fé cristã: “objetos, personagens, campos, roupas e cores [...] acreditando no caráter religioso atribuído popularmente aos três Reis Magos, protetores das famílias, das criações, das lavouras e dos bens terrestres” (TIRAPELI, 2003:40).



### **3 DA FESTA AO FESTAR: AS FOLIAS DE JOÃO PINHEIRO ENTRAM EM CENA**

As Folias de Reis em João Pinheiro fazem parte da tradição local, constituindo-se como patrimônio cultural do município. Segundo narrativas dos foliões vêm de longa data, havendo, no entanto imprecisão no tempo, não sendo possível estabelecer uma datação para o início da referida prática cultural/religiosa.

Na Folia de Reis, a apresentação é concebida como o ponto máximo de demonstração do valor do saber e da fé do folião, *locus* de exibição do que foi aprendido, ensaiado e incorporado, muitas vezes durante uma vida. É a oportunidade do folião de mostrar para a comunidade sua arte, sua religiosidade, sua fé e, principalmente, demarcar o seu lugar na sociedade que muitas vezes o ignora por ser pessoa de pouca escolaridade e de baixa renda.

Em João Pinheiro, os 52 grupos de Folias de Reis executam uma variedade de rituais que se mantêm ao longo do tempo e estão sendo constantemente reinventados de acordo com as múltiplas necessidades sociais dos grupos que interagem na festa máxima, o encontro anual, planejado e executado pela Associação dos Foliões de Santos de Reis.

As festas, como a elaboração da identidade sócio-cultural dos grupos populares que as produzem, historicamente constituídas e reproduzidas nos contextos das sociabilidades rurais, passaram e continuam passando por transformações e acréscimos de novos significados, na medida em que foram incorporadas ao processo de urbanização.

Partindo-se das análises de Turner (1982), o ritual ganha uma dimensão importante no funcionamento das sociedades conhecidas como arcaicas. O autor enfatiza que esses rituais são importantes para a transformação radical das estruturas humanas, tanto sociais quanto psíquicas. Sua importância adquire outros significados na medida em que diz respeito à estrutura da sociedade em questão, percebendo-se, assim, a intrincada e complexa rede de relações simbólicas entre posições sociais cotidianas e a disseminação de poderes hierárquicos nelas inseridos.

“[...] o símbolo ritual transforma-se em fator de ação social, em uma força positiva no campo de atividade. O símbolo vem a associar-se como os interesses, propósitos, fins e meios humanos, quer sejam estes explicitamente formulados, quer tenham de ser inferidos a partir de comportamentos observados.” (TURNER, 2005:50)

Os ritos estão presentes nas mudanças, nas posições, nos estados, *status*, idade dos indivíduos; porém, paradoxalmente, mantêm estruturas cotidianas funcionando e sendo reproduzidas. Como observa Bourdieu (1996:106): “Os ritos conseguem fazer crer aos indivíduos consagrados que eles possuem uma justificação para existir, ou melhor, que sua existência serve para alguma coisa”. Fazer parte do ritual das Folias de Reis é sair da invisibilidade social, é passar a fazer parte de um grupo que tem prestígio, por exercer uma função social de auxílio à manutenção de outras pessoas menos abastadas, tornando na visão de Bourdieu um “porta-voz autorizado”. Para esse autor, esse porta-voz autorizado necessita ser reconhecido como legítimo. Legitimidade esta que a festa acaba por conferir aos foliões pinheirenses, como evidenciado na fala do Sr. Sebastião:

*O alferes é o responsável por avisar, ele que ta como o retrato da imagem dos Três Santos é como o alferes, folião nenhum não pode passar na frete dele. Ele é o responsável por tudo ele vai na frente. As esmolas que o santo ganha é passado tudo nas mãos do alferes. Das minhas mãos é que passa para eles.*

É possível perceber a hierarquia do grupo: sempre na frente o alferes, seguido imediatamente do capitão da folia. Existe uma performance que dispensa orientação; é como se a memória estivesse gravada no corpo, cada membro ocupa o seu lugar e em poucos segundos o grupo está posicionado e pronto para a sua apresentação.

O grupo de cantadores e instrumentistas que compõem uma folia de Reis é variado de região para região ou de um grupo para outro. A de Folia do Bairro Água Limpa é composta por um “capitão”, que canta primeiro, em voz solo e é o responsável pela organização da folia; em seguida vem a primeira, segunda, terceira, quarta, quinta e sexta voz. Os instrumentistas são compostos geralmente por um sanfoneiro, um pandeirista, dois ou três violinistas, um caixeiro e o tocador de cavaquinho ainda como parte integrante da folia, está o alferes, pessoa que conduz a bandeira e arrecada os donativos que são oferecidos. É ele quem caminha à frente da folia, com todos os foliões à sua retaguarda e ao chegar próximo à porta do morador a bandeira é aberta para ser saudada pelo dono da casa. Logo após o alferes com a bandeira, vêm os palhaços, em número de dois, que também são chamados de “Bastião, Guarda-mor e Bastiana”. É o alferes que faz a apresentação da folia ao dono da casa, com a seguinte frase, usada pelo Sr. Sebastião, de 60 anos, folião desde criança e alferes há 20 anos:

*“Ó de casa, mora ô num mora?  
Então sai cá fora*

*Que eu vô te conta uma história*

*Aqui tá essa nobre fulia  
Os três Reis magos do Oriente  
E nossa senhora na guia  
Vem te fazer uma visita  
Você cum sua famia.*

*Sabeno que o senhor  
É um homem religioso,  
Católico devoto do lugá  
Aqui tá o desenho  
Pro sinhô adora”*

Na letra da música pode-se perceber a significação do papel ocupado pelo folião dentro do cortejo da Folia de Reis, é notável como o Sr. Sebastião se sente importante em exercer uma função que para ele é de extrema relevância, o alferes. Função essa que vem acompanhada de todo um simbolismo: o primeiro contato com o dono da casa, a permissão para adentrar na casa do devoto, a condução da bandeira, nas suas palavras “ninguém pode andar na frente do alferes... porque é assim! O alferes é que vai na frente!”.

Após ser concedida pelo dono da casa a permissão para entrar, continua o Sr. Sebastião que canta:

*Então dá licença,  
Vamos entrado meus fio de um a um, de dois a dois de três a três até entra todos de uma vez.*

A folia adentra a casa e os foliões saúdam os moradores cantando versos apropriados de acordo com as pessoas que se encontram presentes:

*Deus vos salve nobre família  
Que viemos visitar  
Os três Reis magos do Oriente  
É de vos abençoar*

Nessa jornada a folia cumpre mais uma missão, até culminar com a chegada à casa do festeiro, onde se procede à entrega da folia. O festeiro é denominado Rei é aquele que por “voto” ou devoção recebe a coroa para cuidar dos preparativos da festa.

Na ocasião, a casa do festeiro recebe uma preparação especial, a partir do preparo das comidas, feitas com abundância para servir a todos que se fizeram presentes; a ornamentação do percurso por onde irá passar os foliões com arcos de bambu, representando a entrada da gruta de Belém e ao fundo uma réplica do quadro da adoração dos magos ao Menino Jesus, onde os foliões encerram a cantoria.

#### **4 A FAMÍLIA COMO GUARDIÃ DA MEMÓRIA DAS FOLIAS PINHEIRENSES**

A memória coletiva é uma das bases da identidade e que se pode traduzir em consciência histórica da própria cultura, não só em termos abstratos, mas também como cultura material: “A memória colectiva não é só chamamento à permanência de conteúdos factuais ou existenciais [...]. Ela está também escrita nos gestos, nos hábitos, e nos costumes dos grupos. Como as tradições orais também as tradições materiais são memória” (CORNNERTON, 1993:45).

Assim, a memória vai construindo a tradição e a cultura imaterial pinheirense, no que tange à manutenção das Folias de Reis.

Uma das grandes preocupações dos foliões de João pinheiro é o desinteresse dos jovens em aprender os ofícios das Folias de Reis. Essa preocupação, de forma diferente, apareceu em todas as entrevistas gravadas. O Sr. José Carroceiro, folião pertencente ao grupo da Água Limpa, 57 anos de idade, evidencia esta preocupação em sua fala: “menina eu já fiz tudo pra ensinar um jovem deste tocar rabeca, mais ninguém quer! Eles acham muito difícil... hora que eu morrer num tem ninguém pra tocar a rabeca aqui, na Água Limpa...”.

Tocar rabeca é um diferencial da performance do grupo de Folia de Reis do Bairro Água Limpa, entre todos os grupos do município de João Pinheiro apenas ele inclui em sua apresentação tal instrumento.

Outro folião que deixou claro a sua preocupação como o futuro das Folias de Reis é o Sr. Chico da Viola:

*professora a dança da catira em João Pinheiro vai acabar, nós mais veio num dá conta de dançar mais e os mais novo num quer aprender...quem sabe agora com esse trabalho da senhora eles vê que nossas folias são importante e resolve a aprender...quem sabe a senhora serve de incentivo pros jovens valorizar?*

A catira é uma dança na qual, durante sua performance, os dançantes lançam mão de um grande número de passos e gestos, além da música. Em João Pinheiro existe apenas um grupo de folia que pratica a catira, o Terno de Reis do Ribeirão dos Órfãos, sendo um grupo composto basicamente por idosos.

Uma observação importante é que apesar de todos os foliões demonstrarem grande preocupação com o futuro das Falias de Reis, é possível perceber a presença de crianças e jovens, com grande intensidade nos ternos de folias locais:

*Neste mundo religioso não se penetra por acaso. O folião se forma por tradição. É nas experiências concretas da vida, no núcleo da família e da vizinhança que se aprende a ser devoto, a gostar. Participar requer dom, competência. Mas antes de tudo é preciso crer que foi escolhido pelas contingências divinas. O aprendizado é longo. Desde criança acompanha-se o ritual. (MACHADO, 1998:217)*

Para ser um folião são necessários muitos anos de aprendizagem, mas também um “dom especial”; todos os entrevistados afirmaram que aprenderam a tocar, cantar, dançar por inspiração divina; é o caso do Sr. Antonio: “quando eu era menino eu fica observando os folião tocando viola, sanfona, cavaquinho, agente era muito pobre, meu pai num podia compra uma viola, então eu fiz a minha primeira viola de paia de buriti, foi assim que eu aprendi, sem ninguém me ensinar... foi por graça dos Três Reis Santos.”

Outro folião afirma ter aprendido sozinho sua performance: trata-se do palhaço Bastião da Folia Fazenda Facão. Deleon tem 20 anos de idade, dança catira e lundu e encanta a todos da platéia, tamanha é a sua disposição e alegria; ele afirma “ninguém me ensinou a ser palhaço, desde pequeno eu fica observando o meu tio que era palhaço, um dia eu tava parado pensando e aquilo veio na minha idéia, acho que foi os Três Reis que me mandou um sinal, então eu fui para a folia”.

Na dança de Deleon é possível observar a materialização do conceito de performance, pois ele vai improvisando os passos, os versos e vai se inteirando com a platéia, assim o original é o que está acontecendo naquele momento. Ele encara a sua brincadeira como uma devoção, durante a sua apresentação ele solicita donativos da platéia, que são destinados para o asilo.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Sem sombra de dúvida, é possível afirmar que João Pinheiro constitui-se atualmente em um dos maiores contingente de grupos Folia de Reis do Brasil. A existência de 52 grupos de Folia de Reis no município pode ser explicada por ser essa uma região que até 1960 manteve-se relativamente isolada do restante dos pais, facilitando, assim a manutenção das

tradições rurais. A distância dos grandes centros, a economia agrária e as grandes dimensões territoriais do município dificultaram a atuação do clero da Igreja Católica Oficial, abrindo caminho para a atuação dos leigos, no caso os foliões.

Os foliões pinheirenses são em sua maioria homens oriundos da zona rural do município, que se deslocaram para a cidade a partir da década de 1970, trazendo consigo a tradição da Folias de Reis e adaptando as suas performances à realidade da zona urbana.

Observa-se uma grande importância atribuída às folias por parte desses atores sociais; os foliões percebem a folia como um “desígnio de Deus” e não medem esforços para cumprirem as suas obrigações dentro das mesmas. Outro ponto a ser destacado é o fato de um folião trazer respeito e admiração por parte da sociedade local; portanto, participar de um grupo de Folia de Reis é sair do anonimato da multidão é tornar-se conhecido na sociedade. A comunidade pinheirese valoriza os grupos de foliões e considera muito importante o seu trabalho em prol da manutenção do Abrigo de Sant’Ana.

Nas folias pinheirenses, o papel da família e da comunidade é extremamente importante para o aprendizado. Não existe na Folia um momento específico para ensinar a alguém a foliar; no entanto, é possível observar o aprendizado acontecendo na forma da imitação e da participação de crianças e jovens. A oralidade é o veículo que conduz os saberes dos velhos para os novos foliões.

Pode-se afirmar que João Pinheiro constitui um reduto da manifestação das Folias de Reis, ainda construída/reconstruída pelos homens simples do campo ou da periferia da cidade. Dos grupos locais, apenas um tem CD gravado e participa do encontro de Folias de Reis de Brasília, a maioria apenas tem contato com a mídia no dia do encontro anual, constituindo um manancial de fonte para os estudos culturais.

## **6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BIÃO, Armindo. **Estética Performática e Cotidiano**. In: Teixeira, João Gabriel L. C. (Org.). **Performáticos, performance e sociedade**. Brasília: Editora da UNB: Transe, 1996

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1986.

BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10.ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1988.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – O poder da Identidade**. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONNERTON, Paul. **Como as Sociedades se Recordam**. Oeiras: Celta Editora. 1993.

MACHADO, Maria Clara T. **Cultura Popular e Desenvolvimentismo em MG: caminhos cruzados de um mesmo tempo**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 1998.

QUEIRÓZ, Maria Isaura P. de. **O Catolicismo Rústico no Brasil**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: Universidade, 1968.

TEIXEIRA, J.G.L.C. & Gusmão, R. **Performance, tecnologia e sociedade**. In: Teixeira, J.G.L.C. & Gusmão, R. (eds.) **Performance, cultura e espetacularidade**. Brasília: Editora UnB, 2000.

TIRAPELI, Persival. **Festas da fé: Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2003.

TURNER, Victor. **Florestas de símbolos- aspectos do ritual ndembu**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

TURNER, Victor. **From ritual to Theatre**. New York: PAJ Publications, 1992.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.